

OS LUGARES QUE SOMOS: CORRESPONDÊNCIAS NA CIDADE (QUASE) INVISÍVEL¹

THE PLACES THAT WE ARE: CORRESPONDENCES IN THE (ALMOST) INVISIBLE CITY

Pablo Vinícius Dias Siqueira

RESUMO

O antiobjetivo deste ensaio epistolar é filosofar com pensamento de Clarice Lispector e desdobrar correspondências criadas pela escrita de si e tangenciadas por todos os textos dispersos no amor, como *A hora da estrela* de 1997. A palavra radical, a autoficção e a autoavaliação crítica são os métodos dialógicos usados para elaborar o lugar do ensaio, o lugar da escrita de si, o lugar de Macabéa em meio ao não-lugar ou lugar nenhum e que reflete, neste caso, um Rio de Janeiro camuflado na miséria de um estado de exceção o qual ceifa os aspectos políticos da alegria, tanto em 1977 quanto em 2019. Esse mesmo estado é o ponto-de-fuga para pensar os afetos e as experiências que se rebelam contra aqueles que aceitam a condição de pesquisador comum e censuram o desafio do ensaio, da polêmica, da ficção filosófica e da criação de conceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector. Ensaio. Escrita de si. Filosofia pop. Literatura e Políticas do contemporâneo.

ABSTRACT

*The antiobjective of this epistolary essay is to philosophize with Clarice Lispector's thoughts and to unfold correspondences created for self-description which are touched by all the writings dispersed in love, like *A hora da estrela*, published in 1997. The radical word, self-fiction and critical self-assessment are the dialogue methods used to develop the place of the essay, the place of self-writing, the place of Macabéa in the midst of no place or no-where, which reflects, in this case, the city of Rio de Janeiro camouflaged in the misery of a state of exception that mows the political aspects of joy, both in 1977 and 2019. This same state of exception is the perspective for reflection on the affections and experiences that insurge against those who accept the status of common investigator and blame the challenge of the essay, of the controversy, of the philosophical fiction and of the creation of concepts.*

KEYWORDS: Clarice Lispector. Essay, Self-Writing. Pop Philosophy. Contemporary Literature and Politics.

¹ Artigo elaborado a partir da tese de P.V.D. SIQUEIRA, intitulada "Filosofia selvagem: ensaio com o pensamento de Clarice Lispector". Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

“O prazer é anterior, boboca”
(CESAR)².

“Não me esqueça”
(LISPECTOR)³.

“O surfista faz os próprios movimentos.
Ele não vai para onde a onda quer que ele vá.
Ele escolhe o próprio caminho”
(FEITOSA)⁴.

² Ver Cesar (2016, p.95).

Montes Claros
22 outubro 2017

³ Ver Lispector (2002, p.57).

Querido Carlos Alberto Solan,

⁴ Ver Feitosa (2015, 6min., 39seg.).

que saudades, que vontades de você! E eu simplesmente não resisto ao seu nome completo. Afinal, foi com ele escrito por inteiro que nosso diálogo começou, lembra?

A sua carta chegou (alegria!) com flores e hálito de maçã e mel. Amanhã é 23, primeiro dia de escorpião. O termômetro marca 39 graus, o sol já se afastou de libra (de mim), e isso me faz ler sua carta sob uma luz diferente. Cá estou, com uma sede de savana, sob a mira do “puro olho do mundo” e talvez por isso eu enxergue com clareza demais a distância (mínima?) entre cena e sina. Meus olhos estão que só a brasa. Passei o dia na companhia de Lispector e Valéry — brilhantes! —, e sinto no corpo que poucas coisas são mais importantes que iluminar a consciência com visões mais amplas. E aliás, como Valéry, estou acompanhado com o prazer de “maus pensamentos” (VALÉRY, 2016, p.153).

Solan, a literatura nos permite inventar e reinventar o que somos, sentimos e desejamos. Esse é o dever-ser da ficção, o poder de criar o que enganosamente é tido como (de)terminado. Assim podemos mudar realmente o de-dentro e também o que nos deixa por fora, nos exclui com ataques desiguais. Então você me pergunta, como certo passageiro invisível, “[...] por baixo das unhas, no ínfimo da dor, qual desses lugares te dói mais em *A hora da estrela*?”.

Solan, agradeço por essa pergunta que eu já estava esperando, tinha mesmo que ser feita e eu tenho que responder.

As impressões que seguem nascem do desconforto do não-saber, de uma não-experiência, impedimentos miseráveis, quando as escolhas são: ou perder o bloco ou ser barrado no baile. Lugares? Eu mesmo não me canso de resgatar as abismais diferenças entre “espaço” e “lugar” (BACHELARD, 2008, p.222), seja em sala de aula, seja ao telefone. E sei que sua pergunta considera muitos lugares, inclusive, os lugares que somos, nós, quando chegamos no outro.

Quando terminei o capítulo de minha tese sobre *A hora da estrela* de 1977, o tempo inteiro fiquei me perguntando: Para onde foram as praias,

as ondas, o vento do mar? Para onde foram todos os surfistas? O surfista é o oposto completo de um militar seja em qual nível for. Surfista é a pele, o nu, a graça, a descontração dos cabelos compridos. Um militar, um soldado é a farda, é a contração forçada de si e do outro. Eventualmente, pensando com decisão, tem-se que escolher entre uma vida de surfista ou uma vida de soldado.

A ausência total dos surfistas e a presença de um soldado é o que basta para evidenciar o maldito momento em que *A hora da estrela* fora escrita. O sentimento urbano que atravessa a novela é de uma cidade desaparecida. Uma cidade que existe, mas que, em termos políticos, desapareceu. Cidade e cidadãos aparecem com suas biografias apagadas, em breves movimentos desendereço, por ruas desconhecidas. O retrato que Lispector faz do Rio de Janeiro, em 1977, é de uma “região” (TAVARES, 2012) que perdeu a poética de um lugar e, desedificante, abriu-se em zonas de invisibilidades e de negação, em vários níveis. Nega-se a presença, a classe, o reconhecimento. Nega-se, inclusive, o reconhecimento estético. Por isso o Rio de Janeiro em *A hora da estrela* não se aparenta em nada com o paradisíaco Rio de Janeiro das praias, das paisagens e dos prazeres.

O Rio de Janeiro de Macabéa é um Rio de procurados, um Rio de identidades falsas, desencontradas de si mesmas, extraviadas da própria vida. Não há mais sujeitos, apenas suspeitos. E todo suspeito, todo procurado precisa agir fora de cena. Como o Rio de Janeiro é, nesse contexto, uma região suspeita, então, a cidade também precisa sair de cena. A cidade é agora uma região onde os sujeitos-suspeitos, como Macabéa, migram para a morte.

Por isso insisto: para onde foram todos os surfistas? E ainda: cadê o carnaval de Macabéa?! Nem precisava que fosse um carnaval — feliz? Mas... mas também não posso pedir por um carnaval com as sobras de “Restos de carnaval” (LISPECTOR, 1999, p.83), afinal, esse foi um dos momentos que Lispector não conseguiu perdoar na vida.

Sim, eu entendo que seria ainda pior para Maca que receberia o som das primeiras marchinhas com um surdão nos ouvidos e faria um pedido às cegas ao confundir os confetes com a ilusão que tem da queda. Acabaria como acabou em Olaria, e ainda com o rosto todo borrado, terrível. Mas também sorriria com a multidão sem perceber que riam dela dançando *Cidade maravilhosa* (1935), errando a letra, gritando Alegria! Antes de ser pisoteada pelos foliões.

Vê, Solan, o que estou tentando fazer? Estou tentando salvar Macabéa? Ou me salvar? O que me revolta é que “o ar meio perdido” (LERNER, 2007, p.26) de Macabéa, esse “sentimento de perdição” (LISPECTOR, 1998, p.12) que ela carregava no rosto, não vem somente de quem é forçado a abandonar o que nunca lhe pertenceu, um lugar, e não pode também amar essa coisa espontânea e arbitrária que é a terra. Macabéa está perdida porque, vivendo em solo carioca, jamais conhecera o Rio.

E intimamente sabia disso. Mas será mesmo que ela sabia? Ao mesmo tempo, que é que Macabéa sabe de Alagoas? As galinhas.

De toda “cidade incoquistável” (LISPECTOR, 1998, p.81) do Rio de Janeiro, Macabéa ficara com “um beco no escuro e uma sarjeta” (LISPECTOR, 1998, p.81). Nesse contexto, posso afirmar que o Rio de Janeiro é uma cidade (quase) invisível. E não se trata de um acerto em comum com a *morte*. Com ela foi assim a *vida* inteira. Então, te respondendo enfim, eis o lugar que mais me dói: o Rio de Janeiro — o Rio de Janeiro que foi brutalmente proibido para Macabéa. E para mim.

Esse poder que apagou a cidade e deixou só a propaganda prova que o Pão de açúcar faz tempo não é mais um lugar. Na verdade, não passa de uma marca, de um *status*, de um *check in*. E quem é que pode com um inferno desses?!

Macabéa, se bem entendi, viveu no Gamboa ou em um bairro que leva o nome Saúde. Se for o segundo, o destino é mesmo implacável, e sangrento. Mas *A hora da estrela* é mesmo sangrento, como os lábios esmagados no adeus. Por enquanto eu só tenho coragem de ficar com o Gamboa. Neste caso, Saúde é tudo o que não quero. Saúde é tudo o que não suporto. Percebe? Sem maiores precisões, Lispector nos conta apenas de um quarto em uma pensão na rua do Acre. E o narrador ainda diz, “lá é que não piso” (LISPECTOR, 1998, p.30). O que me deixa louco, pois, caso eu vá ao Rio um dos lugares imprescindíveis para mim é a rua do Acre. E o cemitério do Caju. Que lembranças terei de minha primeira viagem ao Rio? Fico tonto só em pensar.

O fato é que a rua do Acre atravessa os dois bairros, Gamboa e Saúde. “O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro” (LISPECTOR, 1998, p.30).

É qualquer coisa assim. Estou citando de cabeça. Você conhece o livro tão bem ou melhor que eu. Depois disso, o que se tem do Rio é um banco de praça, ou dois, uma firma e residências e comércios sem endereços. Vitrines. Quem tem olhos para vitrines no Rio de Janeiro? Por fim, o capim e a sarjeta de Olaria. O cartão-postal de *A hora da estrela* sairia do pior de um desses dois bairros. E, portanto, não seria identificado como uma paisagem carioca. Seria uma prova pictórica da emersão daquilo que faz o Rio afundar. Uma superfície qualquer com 13 furos e uma criança espiando por um deles uma nesga de mar. Uma mulher segurando uma prancha de surf com vários grifos desenhados, entre eles uma estrela alinhada a uma cruz, e uma seta apontando uma nesga de mar. Uma cadela de três patas sozinha e prenhá em frente de um armazém com portas de vidro refletindo uma nesga de mar.

Então, fico sem saber se o cenário da novela é mesmo o Rio de Janeiro ou se o Rio de Janeiro não passa de mero cenário que, nesse sentido, poderia

ser Montes Claros (MG) ou Maravilha (AL) tamanho o rapto que se tem da cidade.

Sei que a bio de Maca, “sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola” (LISPECTOR, 1998, p.36), é equivalente à biografia do Rio que ela pode conhecer. E que, na novela, nos dá toda extensão do Rio que ela não conheceu (e que certamente nem sabia que existia). E por isso pensar o Rio tem me exigido tanto. Não por me deparar e me chocar com esta antiempíria truculenta que é fruto podre do capital. Sei que é sintomático de um Brasil como o de agora, tão 1970, que jovens brasileiros como eu e você não conheçam o Rio de Janeiro (eu nem ousa falar em *viver*). Quarenta anos depois da morte de Lispector — e de Macabéa —, e nós nunca estivemos no Rio. E somos estudantes de pós-graduação em universidades federais, ambos nortistas, ambos dedicados à obra de Lispector. Isso não é grave?

Nesse sentido, tendo o Rio como intercessão filosófica, a biografia de Maca é precisamente a minha biografia também. Contudo, Maca chegou ao Rio ainda antes de mim. Muito antes de mim. Eis então o real motivo de tudo isso que aqui te digo: o quanto eu gostaria, de algum modo, que Macabéa soubesse que venceu alguém na vida. Que fez alguma coisa (boa) antes de alguém. Que pelo menos em relação a mim ela conquistou um lugar primeiro — faz toda diferença ainda que siga como um trágico lugar primeiro. “Acho que não preciso vencer na vida” (LISPECTOR, 1998, p.49), é o que diz Maca em certa altura da novela. De fato, não venceu na vida, seja lá o que isso quer dizer, mas me venceu.

Solan, meu amigo, não vou me estender. Não quero fazer desta carta um capítulo de tese, longe disso, não quero o vosso mal. Quem sabe em outra carta eu possa te falar de como gastei meu vira-tempo estudando o mapa do Rio para pensar nos lugares que aparecem por lá, nos lugares que não são vistos, que encarnam a invisibilidade ou que são explorados visualmente. Talvez dê tempo de te contar das coletâneas musicais assinadas por especialistas sobre as canções dedicadas ao Rio. Adianto que as minhas canções favoritas sobre o Rio nunca estão incluídas. *Gávea-Posto 6* (2001), *Pão de maravilha* (2007), *Gentileza* (2000), *Flying down to Rio* (2001), *Virgem* (1987), *Copacabana* (2008)

Será que o Rio é um cânone? Será que é difícil de entrar?

Sei que é passando por lá que o pensamento, em meandros, chega a um lugar sem tanta dor. De preferência com muitos surfistas.

Beijos descontraídos

P.

Você gostou da edição comemorativa de *A hora da estrela*? Fiquei radiante que a Nádia entrou e o gringo não. #TeamGotlib. E como foi sua qualificação?! Quero saber tudo!

AGRADECIMENTOS

Dedico este texto aos meus personagens conceituais: Thaise Dias, Carlos Alberto Solan e Ricardo Gaiotto. E agradeço, especialmente, a Thaynara Dias pela leitura.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p.222.
- CESAR, A.C. Correspondência completa. In: CESAR, A.C. *A teus pés*. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p.91-97.
- CIDADE maravilhosa. Compositor: A. Filho. In: *Cidade maravilhosa*. Intérprete: Aurora Miranda e André Filho. Rio de Janeiro: Odeon Brasil, 1935. 1 disco sonoro, Lado A, faixa 1.
- COPACABANA. Intérprete: Marcelo Camelo. In: *Sou*. Rio de Janeiro: Zé Pereira/Sony BMG, 2008. 1 CD, faixa 11.
- FEITOSA, C. Filosofia em movimento. [S.l.:s.n.], 2015. 1 vídeo (19m16s). Publicado no canal de Luiz Fernando Sarmento. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zz-Ovx4aMS4>>. Acesso em: 4 maio 2017.
- FLYING DOWN TO RIO. Compositor: I. Monteiro. In: *Songs for the jet set*. Intérprete: Drugstore. London: Global Warning ltd, 2001. 1CD, faixa 13.
- GÁVEA-POSTO 6. Compositores: C. Brown, G. Israel e P. Toller. In: *Surf*. Intérprete: Kid Abelha. Rio de Janeiro: Universal music, 2001. 1 CD, faixa 5.
- GENTILEZA. Compositor: M. Monte. In: *Memórias, crônicas e declarações de amor*. Intérprete: Marisa Monte. Rio de Janeiro: Phonomotor Records/EMI, 2000. 1 CD, faixa 10.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.12-81.
- LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p.83.
- LISPECTOR, C. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LERNER, J. *Clarice Lispector, essa desconhecida*. São Paulo: Via Lettera, 2007. p.26.
- PANE de maravilha. Compositores: F. Fawcett, P. Toller e D. Villa-Lobos. In: *Sónós*. Intérprete: Paula Toller. Rio de Janeiro: Warner Music, 2007. 1 CD, faixa 4.
- TAVARES, Z. R. *Região*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p.291.
- VALÉRY, P. *Maus pensamentos*. Belo Horizonte: Âyné, 2016. p.153.
- VIRGEM. Compositores: A. Cícero, e M. Lima. In: *Virgem*. Intérprete: Marina Lima. Rio de Janeiro: Polygram, 1987. 1 CD, faixa 9.

PABLO VINÍCIUS DIAS SIQUEIRA | ORCID iD: 0000-0002-8568-731X | Universidade Federal de Minas Gerais | Faculdade de Letras | Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários | Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil | E-mail: <pablodiassi@gmail.com>.

Como citar este artigo/How to cite this article

SIQUEIRA, P.V.D. Os lugares que somos: correspondências na cidade (quase) invisível. *Pós-Limiar*, v.2, n.2, p.165-170, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2595-9557v2n2a4502>

Recebido em 26/2/2019 e aprovado em 9/4/2019.